

## **O CATECISMO ANARQUISTA**

**Antonio Paim**

### **SUMÁRIO**

**A edição espanhola (2014)  
e o ambiente da época**

**Principal fonte teórica**

**Relações entre Bakunin  
e Netchaev**

**O catecismo anarquista**

- a) A parte que se aplicaria  
aos diversos países**
- b) Avaliação crítica**
- c) A parte dedicada à Rússia**
- d) Avaliação crítica**

**Notas de Dostoievski à margem  
de *Os demônios***

## A edição espanhola (2014) e o ambiente da época

A editora espanhola *La Felguera* vem de editar *El catecismo revolucionário. El libro maldito de la Anarquía* (Madrid, junho de 2014). O interessante dessa edição é que traz os textos que Dostoievski escreveu para explicar sua disposição de escrever *Os demônios* (em russo *Bessi*; por vezes editado com a denominação de *Os possuídos*). A edição francesa a cargo de *Folio France* adota os dois nomes (*Les demons –les possédés*), com que foi difundido no Ocidente. O livro foi publicado em forma de folhetim nos anos de 1870 e 1871.

O fato que o levou a dedicar-se ao tema corresponde à descoberta de que o assassinato de um estudante da Escola de Agricultura de São Petersburgo, de nome Ivan Ivanovitch Ivanov havia sido efetivado pelo líder de uma sociedade secreta (*Narodnaia Rasprava--A justiça do Povo*), chamado Serguei Nechayev. Tal ocorria em fins da década de sessenta (novembro de 1869).

O país era governado pelo czar Alexandre II (1818/1881), que ascendeu ao trono em 1855. Coube-lhe a difícil incumbência de assinar a paz na Guerra da Criméia, em 1866, renunciando ao propósito de derrotar o Império Otomano, e, em consequência, livrar-se da dependência em que se encontrava, diante do seu domínio sobre o estreito situado em Constantinopla (atual Istambul), que facultava o acesso da Rússia ao Mediterrâneo. Fazia parte do império russo a península da Criméia, que abrigava a frota marítima russa situada no extremo Sul, localizada às margens do Mar Negro.

Com o reconhecimento da independência da Grécia, em 1829, o Império Otomano dava um primeiro sinal de decomposição (ocupava os Bálcãs). Desejosas de não perder a liderança desse processo, as potências européias apoiaram os otomanos (turcos) contra os russos.

Apesar de sair enfraquecido da mencionada guerra, Alexandre II daria início a um programa de reformas que estariam destinadas a superar o atraso da Rússia em relação à Europa Ocidental, no aspecto institucional. A primeira dessas reformas, adotada em 1861, seria a extinção do regime da servidão, que era um resquício da sociedade feudal, progressivamente substituída pelo que se convencionou designar como “sociedade industrial”. Consistia em recriar, em parte das terras e ao lado da propriedade dos nobres, a posse em comum de glebas pequenas, em mãos da aldeia.

Naquela altura da história da Rússia, parte substancial dos revolucionários, descrentes de que a Rússia conseguisse, pacificamente, transitar da monarquia absoluta para a constitucional, aderira ao terrorismo. Manifestação clara dessa tendência seria o atentado contra o czar ocorrido em abril de 1866, perpetrado por Dimitri Karakozov. Esse primeiro atentado fracassou, o mesmo ocorrendo com dois outros subsequentes (respectivamente em abril de 1879 e fevereiro de 1880). No seguinte, ocorrido um ano depois (março de 1881), consumar-se-ia o assassinato do czar Alexandre II. Em fins da década de setenta e início da seguinte, os autores pertencem a uma organização terrorista que se denomina *Vontade do Povo*.

Criticando, mais tarde, aos intelectuais que aderiram ao terrorismo, Lênin (Vladimir Ilitch Ulianov; 1870/1924), toma por base o grupo mais destacado à época e que designava como “populistas” tendo em vista que a organização a que pertenciam se intitulava “*Amigos do povo*”. Em fins do século publicaria um livro intitulado “*Quem são os Amigos do Povo*”. Texto de idêntico teor a que se pode ter acesso na INTERNET consiste em *A que herança pertencemos* (1897) --[www.marxistinternetarchive/secaoemportugues](http://www.marxistinternetarchive/secaoemportugues)-- define-os deste modo:

“Por populismo entendemos um sistema de concepções a que compreendem os três traços seguintes: 1) Considerar o capitalismo na Rússia como uma decadência, uma regressão. Daí a tendência e o desejo de *deter*, de *paralizar*, de cessar a destruição dos, pelo capitalismo; e outros lamentos reacionários semelhantes; 2) Considerar original o regime econômico russo em geral e, em particular, o camponês com sua comunidade. Não se considera necessário aplicar às relações econômicas russas os conceitos elaborados pela ciência moderna sobre as diferentes classes sociais e os seus conflitos. O campesinato da comunidade é considerado como algo superior e melhor em comparação com o capitalismo; é a idealização dos *pilares*. Negam e dissimulam as contradições que existem entre os camponeses, que são inerentes a qualquer economia mercantil e capitalista; negam as relações dessas contradições com a sua forma mais desenvolvida na indústria e na agricultura capitalistas; 3) Por um lado, ignorar as relações entre a intelectualidade e as instituições jurídico-políticas do país e os interesses materiais de determinadas classes sociais; por outro lado, negação dessa relação. A ausência de uma interpretação materialista destes fatores sociais os impede ver neles uma força capaz de empurrar a história por outra via.”

Tenha-se presente que, na condição de marxista, Lênin acreditava que o capitalismo seria uma etapa inelutável no caminho do socialismo. No que respeita à agricultura (a “questão agrária”, como designavam), em face da circunstância de que não seguiu o caminho da polarização que imaginavam para a indústria --transformação do campesinato em proletariado rural-- experimentaram certa perplexidade. Como líder do golpe de Estado que levou os bolcheviques ao poder, em 1917, teve que dar cumprimento à imposição dos sociais revolucionários de expropriar a terra dos nobres e distribuí-las entre os camponeses, o que acabaria perpetuando o atraso desse setor econômico e levando Stalin (Josef Vissarianovitch Dugashivili; 1878/1953) a restaurar o sistema que resultou do aludido fim da servidão (em lugar da terra dos nobres, empresas estatais, convivendo com a manutenção de parcelas em mãos da aldeia).

### **Principal fonte teórica**

Sobressai como fonte teórica destacada das ações terroristas na Rússia, da segunda metade do século XIX, a figura de Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814/1876). Costuma ser apresentado como fundador do anarquismo, corrente que sobreviveu naquele país pelo menos até a época da tomada do poder pelos comunistas e, na Europa Ocidental, ao longo da primeira metade do século XX, em especial na Espanha.

Bakunin deu forma teórica a esse tipo de revolta contra o Estado que, de um modo ou de outro, emerge no Ocidente, nos Tempos Modernos. Russo de origem nobre, seu pai simpatizava com os chamados *ocidentalistas* -- combatidos pelos *eslavófilos*-- tendências que se tornaram tradicionais a partir das reformas introduzidas por Pedro, o Grande, ainda no século XVIII. Formou seu espírito na Universidade Lomonosov (Moscou), onde adquiriu familiaridade com o idealismo alemão e especialmente com a obra de Alexandre Herzen (1812/1870) identificado com o que, então, se entendia como *esquerda hegeliana*.

Num texto de 1842 --aos 28 anos de idade-- já expressava o caminho que iria seguir ao cunhar a frase “a paixão pela destruição é uma paixão criativa”. Nesse decênio viveu praticamente na Europa Ocidental, fase em que travaria relações com Marx, ao tempo em que este se encontrava em Paris.

Participaria ativamente dos movimentos revolucionários que se alastravam, naquele período, especialmente a partir de 1848, em decorrência do que acabaria sendo deportado para a Rússia. Permaneceria preso até 1857. Em 1861 abandona o país e entre os anos de 1869 e 1870 esteve envolvido com Serguei Nechaeyev, personagem que deu origem à mencionada obra de Dostoievski.

Em 1868, participou da Primeira Internacional, filiação que durou pouco. Em 1872, no Congresso de Haia, seria expulso por Karl Marx, em decorrência do que criou a sua própria organização internacional.

Nos últimos anos de vida apoiou a Comuna de Paris (1871), cuja derrota levou-o a se radicar na Suíça, país no qual faleceria (1876).

Acredita-se que seriam representativas de seu pensamento as seguintes dentre as suas obras: *A Comuna de Paris e a noção de Estado* (1871); *Federalismo, socialismo e anti-teologia* (1873); *Estatismo e Anarquia* (1873). Antes de falecer reuniu, sob a denominação de *Textos anarquistas* (1874), aqueles que expressariam melhor a sua teoria.

Embora haja a suposição de que o *Catecismo* haja sido redigido por Nechaeyev, as duas cartas da autoria de Bakunin, incluídas na edição que ora examinamos evidenciam que suas críticas a Netchaeyev são de caráter pessoal. Não manifesta qualquer divergência em relação à parte do *Catecismo* de caráter geral e apenas procura precisar melhor, na parte dedicada à Rússia, sua expectativa no que respeita as formas que ali poderiam assumir a revolução.

### **Relações entre Bakunin e Netchaeyev**

Serguei Netchaeyev (1847/1882) passou a residir em Moscou em 1865 logo transferindo-se para São Petersburgo, onde obteve um lugar de professor auxiliar. Em conformidade com a edição do *Catecismo* que estamos acompanhando, o historiador britânico Edward H. Carr (1892/1982) deixou-nos, no livro *Os exilados românticos*, um interessante depoimento sobre a fase da história da Rússia que estamos considerando, no qual insere dados biográficos de Netchaeyev. Indica, antes de mais nada, que pululavam os grupos de jovens revolucionários, que inclusive não se escondiam e até mesmo pela forma de vestir-se procuravam destacar sua condição de radicais. Nesse ambiente, nosso autor ao invés de tentar seguir uma carreira acadêmica, tratou de destacar-se perante tais movimentos.

Segundo Carr, este era o cenário político da capital russa quando Netchaeyev ali passou a residir. Dois anos depois do atentado de Karakov contra o czar (abril, 1866) já seria uma figura chave nos círculos revolucionários de São Petersburgo. Adepto da idéia de revolucionário profissional, popularizada sobretudo pelos franceses (em especial por Auguste Blanqui- 1805/1881), constituiu a mencionada sociedade secreta (*A Justiça do Povo*). Sua tese original seria a de que se aproximaria a criação de clima propício à eclosão de uma grande revolução na Rússia. Tratava-se de que, completados nove anos da decretação do fim da servidão, isto é, em 1870 (exatamente a 19 de fevereiro), os camponeses que receberam glebas situadas, no conjunto adstrito à aldeia, deveriam passar a contribuir com um imposto. Supunha que não se submeteriam a essa exigência.

Ainda segundo esse autor, Netchaeyev redigira *Programa e Ação Revolucionária* para o grupo que liderava. Chegou a ser preso e estaria sendo vigiado pela polícia. Conclui Carr: “aquele programa estabelecia a necessidade de conectar-se com revolucionários europeus e este seria o motivo pelo qual Netchaeyev, impaciente,

saiu do país. Começava sua carreira revolucionária em função da qual desejaria converter-se no *primeiro terrorista*”.

Esclareça-se que Edward Carr era socialista, tendo se dedicado a acompanhar (de modo simpático) a história da União Soviética.

Para o melhor entendimento sobre as (de certa forma tumultuosas) relações entre Bakunin e Netchaeyev deve-se ter presente uma breve cronologia de tal evento.

Netchaeyev sai da Rússia em março de 1869 e logo depois de cruzar a fronteira com a Suíça encontra-se em Genebra com Bakunin. Causa neste uma profunda impressão. Afastado da Rússia há cerca de uma década, deixa-se convencer com facilidade sobre a existência ali de verdadeiro clima revolucionário, decidindo-se por emprestar-lhe todo apoio e até lhe fornece uma credencial na qual assina a seguinte declaração: “O portador deste documento é um dos representantes credenciados da Seção Russa da Aliança Revolucionária Mundial. Número 2771.”

Netchaeyev regressa à Rússia em agosto daquele ano (1869). Em três meses reconstitui o núcleo da sociedade secreta precedente, agora integrada por estudantes da Escola de Agricultura, à qual pertence Ivan Ivanovitch Ivanov. Sendo este um crítico e descrente de sua megalomania convence-se --e aos demais integrantes da célula-- de que se trata de pessoa a serviço da polícia, acusação que se comprovaria ser inverídica. O certo é que armam-lhe uma cilada na qual Netchaeyev o assassina com um tiro na cabeça. Tal se dá a 21 de novembro. Juntos atiram o cadáver no rio, sendo o corpo encontrado poucos dias depois. Logo se descobre a autoria sendo decretada a prisão do autor. A 17 de dezembro sai do país indo novamente ao encontro de Bakunin, na Suíça.

Netchaeyev viveu na clandestinidade na Suíça até ser preso e deportado para a Rússia em 1872, onde seria condenado a vinte anos, cuja pena deveria ser cumprida na Sibéria. Na prisão, não sobreviveria todo esse tempo, vindo a falecer em novembro de 1882.

Segundo a nossa fonte, acha-se estabelecido que Netchaeyev chegou a ponto de esconder sua origem humilde, apresentando-se como membro de uma família de intelectuais. Também alardeou adesões a seu projeto com que de fato não contava, no seu primeiro exílio na Suíça. No segundo período em que ali permaneceu, além de que suas previsões revolucionárias (rebelião camponesa geral em fevereiro de 1870) revelaram-se fantasiosas, procurou apossar-se de segredos de Bakunin e outros exilados russos que o cercavam com o objetivo de chantageá-los, basicamente para obter apoio financeiro. Todas essas circunstâncias são lembradas na extensa carta que Bakunin lhe dirigiu (págs. 213 a 218 da edição citada), escrita em junho de 1870.

Outro documento, incluído na mesma publicação (*Carta de Bakunin a Talandier sobre Netchaeyev*; 24 de julho de 1870; págs. 283/289), é ainda mais explícito. O objetivo é explicar as razões pelas quais revoga a recomendação anterior em seu favor (em maio). Escreve: “Desde então descobrimos e tivemos que convencer-nos da existência de coisas graves que recomendam romper todas as nossas relações com Netchaeyev” não obstante de haja transformado “no homem mais cruelmente perseguido pelo governo russo”. Reconstitui então o seu comportamento. Sucintamente: primeiro “conterá conjunto de mentiras para conquistar a sua simpatia e confiança.” Em seguida, buscará apoderar-se de todos os seus segredos. Textualmente: “na sua ausência e sozinho em seus aposentos, abrirá todas as gavetas, lerá sua correspondência, e quando uma carta pareça interessante, isto é, comprometedor, para você ou um de seus amigos, a roubará, guardando-a com todo cuidado como um documento a ser usado contra você.” Sugere claramente que então passará a chantageá-lo.

A difusão do texto do *Catecismo anarquista*, acompanhada da crítica que lhe dedicou Marx, bem como da comoção que se criou na Rússia em face do frio

assassinato de Ivanov --e ainda a repercussão do livro de Dostoievski--levaram Bakunin a tentar dissociar-se da crueza com que o *Catecismo anarquista* recomendava a disseminação do assassinato, procurando fazer crer que a destruição que pregava dizia respeito às instituições, como se estas tivessem uma existência etérea e não fossem integradas por pessoas concretas. Para comprovar que, de fato, refletiria o seu pensamento, cita-se texto daquele mesmo ano de 1869, que intitulou *Princípios da revolução* no qual identifica-se com tal procedimento: “Não reconhecemos outra ação senão a destruição, ainda que admitamos que as formas de que venham a revestir-se tais ações serão extremamente variadas: veneno; faca; corda; etc.”

## **O catecismo anarquista**

### **a)A parte que se aplicaria aos diversos países**

Intitula-se *Regras nas que deve inspirar-se o revolucionário*. Consiste num texto relativamente curto, redigido em parágrafos com poucas linhas, agrupados em quatro grupos de questões, a saber: 1ª) Deveres do revolucionário para si mesmo; 2ª) Deveres dos revolucionários em relação aos camaradas; 3ª) Deveres do revolucionário perante a sociedade; e, 4ª) Deveres da Associação perante o povo. Os três primeiros não aludem especificamente à situação da Rússia enquanto a quarta e última lhe é dedicada especificamente

Marx o comentaria ao justificar a expulsão de Bakunin da Primeira Internacional, em texto de 1873. A editora espanhola *La Felguera*, em cuja edição nos louvamos, indica que tomou por base a tradução francesa (que se baseou na versão alemã que se considera fidedigna) constante do livro *Bakunine ou le demon de La Revolte*, de Fritz Brupbacher (Paris, Editorial Du Cercle, 1971).

Os tópicos seguintes proporcionariam uma idéia do conteúdo da primeira parte, isto é, daquela que teria caráter geral, a começar do primeiro grupo de questões, isto é, em que traça o perfil do revolucionário.

“O revolucionário é um homem que sacrificou sua vida. Não tem negócios nem assuntos pessoais, nem sentimentos, nem ataduras, nem propriedades, nem sequer um nome. Tudo nele acha-se absorvido por um único interesse exclusivo, uma única paixão: a Revolução.”

“No mais profundo do seu ser e não só com palavras mas também com atos, rompeu todo laço com a ordem burguesa e o conjunto do mundo civilizado, assim como com leis, tradições, moral e costumes em vigor nesta sociedade. É o inimigo implacável desta sociedade e se continua vivendo nela é para melhor destruí-la.”

“Um revolucionário deprecia qualquer teoria: renuncia à ciência atual e a deixa para as gerações futuras. Só conhece uma ciência: a da destruição. Com este fim exclusivo estuda mecânica, física, química e ocasionalmente medicina. Com esta meta se entrega dia e noite ao estudo das ciências da vida: os homens, seu caráter, as relações entre eles assim como as condições que regem em todos os campos da ordem social atual. A meta é a mesma: destruir o mais rápido e seguramente possível esta ignomínia que representa a ordem universal.”

“O revolucionário deprecia a opinião pública. Sente desprezo e ódio em face da moral social atual, suas diretrizes e manifestações. Para ele o moral é o que facilita o triunfo da revolução e o imoral e criminoso o que a contraria.”

“Deve estar disposto a suportar todos os tormentos”

“O revolucionário, duro consigo mesmo, deve ser duro com os demais. Simpatias ou sentimentos que poderiam enfraquecê-lo e que nascem da família, a amizade ou o agradecimento, devem ser afogados pela única e fria paixão pela obra revolucionária. Não existe mais que um gozo, um consolo, uma recompensa, uma satisfação: o êxito da Revolução.”

Os deveres para com os camaradas seguem o mesmo tom. Diz expressamente: “o revolucionário só sente amizade e simpatia por aquele que haja demonstrado que é servidor da Revolução. Amizade, a entrega, as obrigações em relação a determinado camarada medem-se exclusivamente por sua utilidade no trabalho prático da revolução destrutiva.”

“Os camaradas que alcançaram o mesmo grau de consciência e paixão revolucionárias devem, na medida do possível discutir em comum as questões importantes e tomar decisões por unanimidade. Para executá-las, cada um deve contar apenas consigo mesmo. Quando se executem atos de destruição, cada um deve operar assumindo seu risco e perigos, não reclamando ajuda a seus camaradas, salvo em caso indispensável para o êxito da empresa”

“Quando um camarada se encontre em perigo, o revolucionário, para saber se deve salva-lo, não deve consultar seus sentimentos pessoais senão unicamente o interesse da causa revolucionária.”

“Não é revolucionário se algo o liga a este mundo. Não deve retroceder se há algum laço que o una a este mundo decrépito ou se há que destruir alguma instituição ou indivíduo. Tem que odiar igualmente a tudo e a todos. O pior para ele é manter neste mundo laços de parentesco, amizade ou amor: se estes laços podem paralisar seu braço, não é um revolucionário.”

“Toda esta odiosa sociedade se divide em várias categorias. A primeira se compõe dos que devem ser suprimidos sem dilação. Os camaradas confeccionarão listas destes condenados, ordenados segundo sua má fé em relação aos interesses da obra revolucionária, de maneira que os primeiros números da lista sejam liquidados antes dos outros.”

“A segunda categoria engloba aqueles aos que, provisoriamente, se deixa com vida e cujos atos fomentariam a indignação do povo, conduzindo-o inevitavelmente á revolta.”

“Só se deve ter em conta o grau de utilidade que possa representar a morte de tal ou qual indivíduo para a obra revolucionária. É necessário executar, em primeiro lugar, aos mais perigosos para a organização revolucionária e aqueles cuja morte violenta e imprevista assuste o governo e quebrante sua força, privando-o de seus auxiliares mais enérgicos e inteligentes.”

“A terceira categoria está composta dos que sem brilhar pela inteligência possuem riquezas, altas relações, influência e poder. É necessário explorá-los por todos os meios possíveis, envolve-los em nossas redes, penetrar até o fundo em seus segredos sujos até conseguir fazer deles nossos escravos.”

“A quarta categoria engloba toda classe de funcionários ambiciosos assim como liberais de distintas tendências. Com estes últimos se pode conspirar, adotando seu próprio programa e fazendo-os crer que os apoiamos cegamente. Compete inteirar-se de seus segredos, comprometendo-os para que sua retirada se torne impossível e deles servir-se para provocar distúrbios no Estado.”

“A quinta categoria se compõe dos doutrinários, conspiradores revolucionários, toda esta gente que fala muito em reuniões e enaltece o próprio papel. Cabe empurrá-los sem trégua, leva-los a manifestações práticas e perigosas: o resultado será o

desaparecimento da maioria enquanto os que sobrevivam serão verdadeiros revolucionários.”

Insera um tópico especial sobre as mulheres. Divida-as também em categorias. As primeiras seriam classificadas como superficiais. Devem ser tratadas como os homens das terceira e quarta categorias precedentes, isto é, para serem usadas simplesmente. E também uma categoria constituída daquelas que se encontram, como dizem, “completamente conosco, isto é, iniciadas e que aceitam nosso programa integralmente. Teremos que considera-las nosso tesouro mais precioso e sua ajuda é indispensável para nossas empresas.”

### **b) Avaliação crítica**

A suposição básica da doutrina anarquista seria a de que o revolucionário pode rejeitar radicalmente as regras morais --consagradas pela convivência social vivenciada no Ocidente-- e, ao mesmo tempo, acata-las no que respeita ao trato dos companheiros de viagem. Neste último caso, reaparecem conceitos tais como amizade, simpatia, obrigações.

Na vivência dos próprios anarquistas russos e precisamente no incidente que inspirou Dostoievski a escrever *Os demônios*, Serguei Netchaev atribuiu-se a prerrogativa de liquidar fisicamente um companheiro como se se tratasse de pessoa equiparável aos piores inimigos. Na longa carta que lhe dirigiu Bakunin --antes citada acusa-o de espionar às pessoas aos quais teria sido recomendado para acolhê-lo enquanto se encontrava na Suíça. Equiparou-os portanto àquela categoria de cidadãos que, embora fossem poupados do assassinato, deviam ser escravizados, mediante a posse de seus segredos.

Ainda que os marxistas, em geral, e Lênin em particular, condenassem o terrorismo, a prática de liquidar fisicamente aos inimigos, inaugurada pelo próprio Lênin durante o período em que era o chefe do governo soviético, veio a ser sistematicamente aplicada por Stalin no trato das divergências internas do PCUS e contra grupos sociais inteiros (camponeses ricos, judeus, etc.). Naquela ocasião omitiu-se francamente que se tratava de uma prática institucionalizada por Lênin e inerente ao sistema. Diante da circunstância, transcrevemos a seguir documento de sua autoria, incluído na biografia que lhe dedicou Robert Service (*Lênin: a Biography*. Harvard University Press, 2001).

“Camaradas! A insurreição de cinco distritos camponeses (*kulaks*, no texto) precisa ser implacavelmente esmagada....1) Enforcem (e estejam seguros de que o enforcamento terá lugar às vistas de todo o povo) não menos que uma centena de conhecidos *kulaks*, pessoas ricas, especuladores; 2) Publiquem seus nomes; 3) Confisquem toda a sua produção; 4) Façam reféns... Alardeiem tudo isto de modo que em centenas de quilômetros em torno o povo possa ver, inteirar-se e tremer, gritando: eles estão estrangulando e irão estrangular até a morte os *kulaks* especuladores.”

Assim, no plano moral, equivalem-se anarquistas e marxistas. Estes tiveram o mérito de explicitar a consigna que fundamenta essa espécie de comportamento social: “os fins justificam os meios”, inteiramente falaciosa, na medida em que praticamente não se apregoam-se fins que sejam opostos ao altruísmo. Portanto, os meios é que especificam a natureza dos fins perseguidos.

### **c) A parte dedicada à Rússia**



A quarta parte acha-se dirigida especificamente à Rússia o que comprovaria ter sido elaborado por Nechaeyev. Contudo, na carta que lhe dirigiu Bakunin --incluída na edição que comentamos--, infere-se a total concordância com a exposição precedente, que deve ter sido inspirada diretamente dos seus textos doutrinários. Em relação a esta última parte, precisa o seu entendimento do modo como poderão se desenvolver os acontecimentos revolucionário de onde provêm ambos, que mencionaremos quando oportuno.

Intitula-se *Deveres da Associação ante o povo*.

A *Associação* seria a Seção Russa da Aliança Revolucionária Mundial, como Bakunin designava a Internacional Anarquista.

A primeira regra estabelece como meta a emancipação total da parte do povo sujeita a duros trabalhos, a ser alcançada por uma revolução popular que destruirá toda a sociedade. E, mais: “A Associação acrescentará e multiplicará os males e sofrimentos para que acabem com a paciência do povo e desencadeie a revolução maciça.”

A seguir, esclarece, no concernente à revolução, que não se trata de movimento do tipo clássico ocidental, que não ataca nem a propriedade nem a ordem social. A salvação só pode vir de uma revolução que condene qualquer idéia de Estado e revolva as tradições russas, as instituições e as classes sociais.

Terceira: a Associação não pretende impor ao povo uma organização hierárquica, desde que esta sairá de movimento popular. Esta será, entretanto, tarefa a cargo de gerações futuras. À atual incumbe efetuar uma destruição terrível, total, sem piedade e universal.

A quarta regra indica que a Associação buscará aliança com os elementos que, desde a criação do Estado moscovita têm enfrentado todos os auxiliares diretos e indiretos do Estado. Nomeia-os. Seriam: nobreza, clero, pequenos e grandes comerciantes, e ainda os classifica como “exploradores do povo”. A aliança será com “o mundo dos aventureiros e delinquentes que na Rússia são os verdadeiros e únicos revolucionários.”

Quinta e última: “unificar todos estes elementos para conseguir uma força única, invencível e capaz de destruir tudo. Esta é a razão de ser da nossa organização, de nossa conspiração, de toda nossa empresa.”

Na carta que dirigiu a Netchaeyev, antes referida, Bakunin insiste na espontaneidade do movimento revolucionário e não crê noutra possibilidade. Além disto, postula que o período em que vive seria “de revolução popular generalizada e invencível.” Contudo, não crê que possa ser precipitada ou antecipada e muito menos prevista. Diz textualmente: “pode ocorrer dentro e um ano, por acaso mais cedo ou nem sequer nos próximos dez ou vinte anos.” Adianta: “esta não é a questão e quem queira lealmente servir á revolução não o fará por mero prazer. Todas as associações secretas que queiram de verdade trabalhar em seu favor devem primeiro deixar de lado todo nervosismo, toda impaciência.”

Entende que as revoluções do passado teriam revelado esta característica do povo russo: “assume a propriedade de toda a terra para explorá-la em comum, mandando ao diabo os nobres, os grandes latifundiários, os funcionários do czar e algumas vezes até os padres.” Supõe que o povo russo “guarda em sua memória e em seu ideal um valioso elemento para a organização futura, elemento que ainda não existe entre os povos ocidentais: a comuna econômica livre.”

Acredita que numa revolução espontânea predominará franca e generalizada anarquia. Estando constituídos núcleos da associação suficientemente disseminados

pelo país, incumbem-lhes “impossibilitam o estabelecimento de todo o poder estatal sobre o povo, mesmo um poder que seria o mais revolucionário, incluindo o seu.”

#### **d) Avaliação crítica**

Salta às vistas tratar-se de um ideal ilusório a perspectiva imaginada pelos anarquistas para os eventuais desdobramentos de uma revolução, surgida espontaneamente. Não faltam registros históricos que a desmentem.

Para não invocar desde logo a acirrada disputa pelo poder que caracteriza a Revolução Francesa, posto que Bakunin exclui os movimentos revolucionários ocidentais, menciona-se aqui a revolta de Pugachev, que ele mesmo invoca no mencionado texto. Tratou-se de uma revolta sustentada por segmentos do campesinato russo e que chegou a dominar grande parte de seu território, entre 1773 e 1775. A promessa de abolição da servidão, a que se atribui a magnitude do apoio alcançado, ganhava credibilidade pelo fato de que o faria mediante a restauração do poder que havia sido usurpado ao czar Pedro III, deposto por Catarina II.

Em qualquer revolução, o que se torna patente, desde logo, será uma inevitável disputa pelo poder, que chegará mesmo a dividir os próprios revolucionários. Este o grande ponto fraco do anarquismo. A evolução do curso histórico da Rússia, com a revolução desencadeada em fevereiro de 1917, viria evidenciar o mencionado caráter utópico da doutrina.

#### **Notas de Dostoievski à margem de *Os demônios***

Segundo se indica na edição que estamos seguindo, Dostoievski deixou-nos várias notas sobre o tema e os personagens de *Os demônios*, notas estas incluídas na edição russa do conjunto de seus textos. Compreende cartas que redigiu sobre a proveniência da inspiração para descrever personagens bem como bem como textos de outra índole. Vamos referi-los na medida em que fundamentam a opinião que nutre sobre a natureza profunda do povo russo, o que o autorizaria a dizer que o terrorismo anarquista decorreria da influência ocidental. Aqui se comportaria como eslavófilo, em oposição à tradição ocidentalista seguida pelo seu pai, cujas bases teriam sido lançadas por Pedro, o Grande. Vamos precedê-las de breves notas de cunho biográfico.

Fiodor Mikailovich Dostoievski (1821/1881) é considerado como um dos grandes escritores estrangeiros que mais influíram no desenvolvimento da literatura ocidental. Criou personagens inesquecíveis nas principais dentre suas obras. Tal é o caso dos *Irmãos Karamazov* (último de seus livros, publicado em 1881); do Príncipe Miskin (*O idiota*; 1869) ou ainda Raskolnikovski (*Crime e Castigo*; 1866). A par disto, serviu para familiarizar-nos com as singularidades da cultura russa.

Na juventude, como era comum em sua época, filiou-se a uma das organizações revolucionárias que passaram à história (*Círculo Petrachevski*), destacada entre as que foram ferozmente perseguidas pelo czarismo. Ao mesmo tempo, nutria simpatias por uma outra entidade ainda mais radical, sendo precisamente nesta que se teria inspirado para criar os dois principais personagens de *Os demônios*, segundo seu próprio depoimento: aquele que, a seu ver, seria a figura mais destacada da obra, que denominou de Nikolai Stavrogin, inspirando-se naquele que seria o teórico e líder do grupo mais radical (que se chamava Nikolai Srecheniev) e no fanático Piotr Stepanovich que representaria no livro o autor do assassinato que seria ponto de partida de toda a história (Netchaev).

A filiação a organizações revolucionárias custou-lhe nada menos que dez anos de prisão a até simulacro de fuzilamento, desde que chegou a ser condenado à morte. Sua prisão ocorreu no início de 1849. Sua pena de morte seria convertida em trabalhos forçados e exílio na Sibéria. Ao ser libertado, em 1859, esteve alguns meses proibido de viver seja em São Petersburgo seja em Moscou. Deixou-nos candente relato dessa fase de sua vida em *Recordações da Casa dos Mortos*.

A edição de *La Felguera* contém três cartas de Dostoievski nas quais comenta e aborda o conteúdo do livro *Os demônios*.

A primeira dessas cartas está dirigida a Mikhail Katrov, editor de *O mensageiro russo*, revista literária na qual publicou, em forma de folhetim, *Os demônios*, ao longo dos anos de 1870 e 1871. Depois de indicar como programou o envio de originais, Dostoievski adianta que sabe do caso tão omente “aquilo que publicaram os periódicos.” Sem embargo o tema não poderia merecer “apenas uma apostila” mas um romance. Escreve: “Meu relato de ficção pode não ser igual ao caso real e que meu Piotr Veronhenski não se pareça nada a Netchaev... mas estou certo de haver criado uma personalidade capaz de cometer o crime.” E ainda: “curiosamente, este personagem não se acha no centro da ação, sendo mais um personagem secundário, uma pessoa ao redor de outra, a quem se deve considerar como o verdadeiro protagonista da novela.” “Este outro personagem da novela (Nikolai Stavrogin) é igualmente alguém sinistro e malvado, ainda que o considere uma figura de todo trágica.”

Acrescenta ainda que “nem todos os personagens serão sinistros. Também haverá no livro figuras luminosas.”

A segunda missiva acha-se dirigida ao célebre poeta russo Apolon Nikolaievich Maikov (1821/1897) na qual defende uma tese interessante sobre a natureza profunda do povo russo, justamente o que nutriria a sua convicção de que o terrorismo que vinha merecendo guarida no seio da juventude acadêmica de sua época seria resultante da importação de idéias ocidentais.

Afirma: “Não somos mais crianças para não saber que se a Rússia vier a sofrer uma grande calamidade ou desgraça, aqueles que são os menos russos da Rússia --o estudante, o funcionário de Petersburgo que se consideram ambos liberais--, então se converterão em russos e até reconhecerão sentirem-se como russos, o que parecera algo de vergonhoso.” Invoca como indício comprobatório dessa certeza uma carta que leu na imprensa a confissão de um jovem estudante que “durante a guerra da Criméia muitos de nós alegravam-se com os triunfos militares dos aliados e os infortúnios dos nossos. Não, meu liberalismo não chega a esse ponto.... como russo sentia-me solidário com a sorte de meus desgraçados companheiros e soldados.”

Critica acerbamente aquelas personalidades, citando-as nominalmente, por propalarem sem espírito crítico teorias ocidentais, alheias e contrárias à tradição nacional.

A terceira carta está dirigida ao herdeiro do trono e que, com o assassinato de Alexandre II, tornar-se-ia Alexandre III (czar da Rússia entre 1881 e 1894) Reforça a tese precedente e diz que a ação, que considera nefasta, dos que a história russa classificaria como *ocidentalistas*, é praticada pelos que “fogem como loucos a reboque da Europa”, e, ao fazê-lo “esquecem ser bem possível que, nós, o povo russo, contemos com a virtude e a missão de oferecer ao mundo uma nova luz, sempre e quando reconhecamos a particularidade e a singularidade de nossa evolução.”